

ALBUQUERQUE, Adenilson de Barros de; FLECK, Gilmei Francisco. *CANUDOS: conflitos além da guerra – entre o multiperspectivismo de Vargas Llosa (1981) e a mediação de Aleilton Fonseca (2009)*. Curitiba-PR: Editora CRV, 2015.

Cristian Javier Lopez⁶⁶

O livro *Canudos: conflitos além da guerra* (2015), de Adenilson de Barros de Albuquerque e Gilmei Francisco Fleck, apresenta uma série de leituras do evento histórico que ficou conhecido como Guerra de Canudos (1896-1897). Os autores realizam esse passeio pela temática a partir de obras literárias que, à exceção de *Os jagunços* (1898), de Afonso Arinos, dialogam em alguma medida com o clássico *Os sertões* (1902), de Euclides da Cunha. Eles defendem a tese de que há, após o texto euclidiano, dois marcos fundamentais nas escrituras dessa temática representados pelos seguintes romances históricos: *La guerra del fin de mundo* (1982), do peruano Mario Vargas Llosa, e *O pêndulo de Euclides* (2009), do brasileiro Aleilton Fonseca. Assim, primeiramente, *Os sertões* surge como o grande revelador de um contexto do interior brasileiro, em grande medida, desconhecido para o Brasil oficial, geograficamente situado nas principais cidades do litoral do país. Em segundo lugar, *La guerra del fin del mundo* busca dar conta dos discursos inerentes às mais variadas facetas sociais, políticas, culturais, etc., relacionadas, direta ou indiretamente, à Guerra de Canudos. Por último, *O pêndulo de Euclides* representa o encontro amigável entre o Brasil acadêmico e a realidade sertaneja presente na cidade de Canudos em pleno século XXI. Tais configurações escriturais distintas conformam, segundo o exposto pelos autores, modalidades distintas de escrita híbrida de história e ficção. Desse modo surge o subtítulo da obra: “entre o multiperspectivismo de Vargas Llosa (1981) e a mediação de Aleilton Fonseca (2009)”, aspecto teórico que o texto elucida com precisão ao longo de sua tessitura.

⁶⁶Doutorando do Programa de Doutorado em Estudos Literários da UVIGO/Espanha; Mestre em Teatro e Artes Cênicas pela UVIGO/Espanha; especialista em Arte e Educação pela FAG; graduado em Música e graduado em Artes Visuais pela Anhanguera; graduando em Letras Português/Espanhol pela Unioeste-Cascavel; integrante do Projeto de pesquisa “Ressignificações do passado na América Latina: leitura, escrita e tradução de gêneros híbridos de história e ficção – vias para a descolonização”, coordenado pelo Prof. Dr. Gilmei Francisco Fleck. Colaborador do projeto de extensão “Literatura, História, Memória e Sociedade: estudos das inter-relações e suas dinâmicas”, vinculado ao PELCA – Programa de Ensino de Literatura e Cultura/PROEX-Unioeste-Cascavel. E-mail: cj_lopez2@hotmail.com.

No capítulo inicial, “Narrativas canudenses: conflitos além da guerra”, os autores nos deixam a par de informações preciosas sobre o tema a ser abordado. Recorrem a uma crônica escrita por Machado de Assis, o qual também se interessou pela figura de Antonio Conselheiro, “o homem que briga lá fora”, segundo a mulher que aparece no texto machadiano. Essa crônica é ponto de partida para o capítulo que traz uma lista, sem pretensões definitivas, de mais de vinte romances sobre a Guerra de Canudos, entre brasileiros e estrangeiros, publicados entre os anos de 1898 e 2009. O leitor pode perceber, já nessas páginas, o estilo fluído da linguagem que se maneja na obra e o panorama daquilo que será discutido no decorrer das páginas do livro.

No segundo capítulo, “Complexo Canudos: o sertão e a guerra em foco”, há subdivisões destinadas a apresentar: a) um breve relato histórico sobre momentos importantes relacionados aos conflitos bélicos; b) características fundamentais que buscam ilustrar as peculiaridades do sertão nordestino; c) apontamentos teóricos acerca da memória e sua importância para os estudos canudenses; d) fundamentos teóricos sobre os discursos histórico e literário, além da apresentação das cinco modalidades de romances históricos, as quais proporcionam embasamento para a leitura das obras que surgirão na sequência do livro. Essas modalidades, segundo a classificação feita pelos pesquisadores, compõem o seguinte conjunto de obras romanescas híbridas de história e ficção:

- Romance histórico clássico;
- Romance histórico tradicional;
- Novo romance histórico latino-americano;
- Metaficção historiográfica;
- Romance histórico contemporâneo de mediação.

As especificidades que permitem agregar as obras mistas de história e ficção em cada uma dessas diferentes modalidades são expostas e discutidas pelos autores. Tal procedimento, bastante didático e metodológico, torna-se um meio eficaz de operacionalização das leituras e análises dessas obras nas quais confluem os discursos histórico e ficcional. A diferenciação, bastante clara e exposta de modo preciso, traça também a trajetória histórica do gênero romance histórico já que essas modalidades, conforme apontam os autores, foram surgindo sucessivamente sem, contudo, inibir ou anular a coexistência delas no presente. Nesse sentido, esse capítulo torna-se um guia bastante útil tanto para leitores experimentados no gênero quanto para aqueles que começam a aventurar-se nessas veredas mistas da produção literária.

No terceiro capítulo, além de pressupostos teóricos sobre as principais características da literatura latino-americana e de alguns exemplos da presença do sertão n’*Os sertões*, Albuquerque e Fleck (2015, p. 58), elencam “algumas narrativas canudenses com o objetivo de chamar a atenção para a diversidade de perspectivas sugeridas nas escritas da temática da Guerra de Canudos”. Os autores propõem uma exposição de obras basilares, relacionando-as a algumas das modalidades de romances históricos por eles apresentadas no capítulo precedente. Assim, *Os jagunços* (1898), de Afonso Arinos, é lido como um romance histórico tradicional; *João Abade* (1959), de João Felício dos Santos, e *A casca da serpente* (1989), de José J. Veiga, como novos romances históricos latino-americanos; *Canudos – as memórias de frei João Evangelista de Monte Marciano* (1997), de Ayrton Marcondes, *Verdicto em Canudos* (2002), de Sándor Márai, e *Luzes de Paris e o fogo de Canudos* (2006), de Angela Gutiérrez, como romances históricos contemporâneos de mediação. Essas leituras, embora bastante sintéticas, evidenciam a atualidade e a operacionalidade da classificação dos romances híbridos de história em ficção em 5 modalidades, conforme proposto pelos autores. O leitor depara-se, desse modo, com um aparato teórico que lhe possibilita não só desfrutar melhor da leitura como aprofundar-se nela de forma prática.

No quarto capítulo, “Canudos: dois momentos – múltiplas leituras”, são detalhadas as análises dos romances *La guerra del fin del mundo* e *O pêndulo de Euclides*. Sobre o primeiro deles, exemplo bem construído de um novo romance histórico latino-americano, Albuquerque e Fleck (2015, 127-8) comentam que o consideram “[...] como uma das melhores representações que, a partir de um evento ocorrido em terras brasileiras, conseguiu delinear muitos aspectos da idiossincrasia cultural do continente latino-americano em constante formação desde os primeiros encontros entre autóctones e europeus. Na urdidura ficcional de um enredo histórico, múltiplos mundos são confrontados”. Já com respeito ao romance de Aleilton Fonseca, os pesquisadores comentam que é uma produção romanesca que: “Evoca ecos do passado e instiga reflexões críticas atuais para além da literatura. Portanto trata-se de um texto mediador entre a história, suas lacunas, e as probabilidades de preenchê-las utilizando-se da ficção” (ALBUQUERQUE; FLECK, 2015, p. 155). Após as análises particularizadas desses dois romances, há uma terceira leitura em que as duas obras são confrontadas de maneira que a tese, defendida desde o início do livro, é demonstrada com todos os seus exemplos fundamentais. Da base representada por *Os sertões*, dois momentos posteriores aparecem como diálogo e, ao mesmo tempo, rupturas

importantes: as múltiplas perspectivas em Vargas Llosa e a mediação em Aleilton Fonseca. O leitor percebe a consolidação dessa tese pela bem elaborada articulação da linguagem e pelas argumentações precisas e pontuais defendidas pelos autores.

No quinto e último capítulo, “Rememorações: o caminho da construção”, os pesquisadores propõem um resumo da trajetória percorrida pelo leitor durante os capítulos anteriores. Vale a pena mencionar aqui o parágrafo final: “A ficção histórica desenvolvida por essas narrativas canudenses contribui para o conhecimento e a reavaliação de conceitos, muitas vezes preconceituosos, arraigados tanto na memória dos representantes da academia, como na dos iletrados que formam seus pareceres a partir do recontar das histórias orais” (ALBUQUERQUE; FLECK, 2015, p. 180). Para concluir o texto, os autores explicitam ao leitor alguns detalhes mais sobre o título da obra: “Mais do que a representação dos conflitos bélicos entre soldados e sertanejos, as narrativas canudenses apresentadas neste estudo propõem a reavaliação da história de um país e de um continente marcada por questões que se estendem muito além da guerra” (ALBUQUERQUE; FLECK, 2015, p. 180). Conforma-se, assim, na mente do leitor, o amálgama de “obras canudenses” que evocam “conflitos além da guerra”.

Em *Canudos: conflitos além da guerra* (2015), de Albuquerque e Fleck, leitores e pesquisadores podem encontrar um bom exemplo de pesquisa acadêmica transformada em livro, capaz de chegar a um vasto público em uma construção precisa e profunda, que conjuga teoria e análise literária, numa linguagem amena e cativante.